

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP  
PORTO - PORTUGAL

---

## A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR BRASILEIRO: UM OLHAR PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

---

Paulo Roberto Fernandes Junior, (PPGCI/UFS), <https://orcid.org/0000-0003-4834-3937>,  
Brasil, [paulofernandes.bibliotecario@gmail.com](mailto:paulofernandes.bibliotecario@gmail.com)

Martha Suzana Cabral Nunes, (PPGCI/UFS), <https://orcid.org/0000-0002-0587-5354>, Brasil,  
[marthasuzana@hotmail.com](mailto:marthasuzana@hotmail.com)

Rafaela Ferreira Lopes, (PPGCI/UFS), <https://orcid.org/0000-0003-2774-5419>,  
Brasil, [rafaelalopesgcc@gmail.com](mailto:rafaelalopesgcc@gmail.com)

Exo:

### 1 Introdução

Entre os anos de 2015 e 2024, os investimentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em ciência, tecnologia e inovação (CT&I) revelam não apenas as oscilações orçamentárias de um país em crise, mas também os impactos estruturais sobre a consolidação de políticas públicas voltadas à formação de pesquisadores no Brasil. O investimento total do período ultrapassa a marca de R\$ 18 bilhões, mas sua trajetória é marcada por significativas variações, com períodos de forte retração seguidos por uma retomada recente dos aportes financeiros. Em 2015, o CNPq investiu aproximadamente R\$ 2,64 bilhões. Contudo, essa cifra sofreu quedas expressivas nos anos seguintes, atingindo o menor patamar da série em 2021, com apenas R\$ 1,18 bilhão — uma redução de mais de 55% em relação ao valor inicial (CNPQ, 2024).

Esse ciclo de queda, que se estende de 2015 a 2021, é marcado por contingenciamentos orçamentários, crises econômicas e o enfraquecimento das políticas de fomento à ciência, afetando diretamente a manutenção de bolsas, o financiamento de pesquisas e a infraestrutura laboratorial do país. A partir de 2022, no entanto, observa-se um movimento

de recuperação nos investimentos, com R\$ 1,70 bilhão aplicados neste ano, seguido por R\$ 2,43 bilhões em 2023 e R\$ 2,62 bilhões em 2024 — valores que se aproximam dos níveis de 2015 (CNPQ, 2024). Essa retomada recente pode ser vista como sinal de revalorização institucional da ciência e de recomposição de políticas públicas voltadas à produção de conhecimento e inovação.

Do total investido nesse intervalo de dez anos, a maior parte foi destinada à formação de pesquisadores, que correspondeu a 50,79% dos recursos, seguida por apoio a projetos de pesquisa (47,24%), apoio à cooperação internacional (1,00%) e divulgação científica e popularização da ciência (0,98%) (CNPQ, 2024). Esse número revela, de maneira inequívoca, a centralidade dessa dimensão no projeto nacional de CT&I, sendo seguida por apoio a projetos de pesquisa, cooperação internacional e divulgação científica. Tal distribuição reforça o entendimento de que o fomento à pesquisa está intrinsecamente ligado ao processo de formação científica, especialmente no que diz respeito aos níveis de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado — etapas decisivas na trajetória do pesquisador brasileiro.

Nesse contexto, o financiamento público cumpre um papel essencial não apenas na sustentação da infraestrutura de pesquisa, mas também na constituição de ambientes formativos, na permanência de jovens talentos nas universidades e centros de pesquisa e na construção de massa crítica para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. A oscilação dos investimentos impacta diretamente essas dimensões, produzindo descontinuidades em projetos, evasão de pesquisadores e perda de competitividade internacional. Assim, a análise dos dados de fomento no período em questão não apenas revela tendências econômicas e políticas, mas também evidencia os desafios estruturais enfrentados pelo Brasil na consolidação de uma política contínua e sustentável de formação de pesquisadores.

A formação do pesquisador brasileiro é um processo complexo, influenciado por fatores sociais, institucionais e individuais, que se inicia na educação básica e se consolida no ensino superior e pós-graduação. A análise dos dados de investimento do CNPq no período entre 2015 e 2024, apresentada nesta introdução, serve como uma contextualização importante para compreender o cenário do fomento à pesquisa no país. Este estudo, por sua vez, realiza uma análise bibliográfica para compreender como se dá a formação de pesquisadores na área da Ciência da Informação no Brasil, a partir da revisão da literatura científica sobre o tema. Os objetivos específicos incluem investigar os diferentes níveis de ensino envolvidos, os principais agentes formadores e as práticas educacionais associadas à pesquisa. Justifica-se a pesquisa pela necessidade de identificar estratégias que promovam uma formação equitativa e contínua de pesquisadores, considerando que mais de 50% dos investimentos do CNPq nesse período foram direcionados à formação de pesquisadores, refletindo a importância estratégica desse segmento para o desenvolvimento da Ciência da Informação. Essa contribuição é fundamental para o fortalecimento da área e a inserção social e internacional da Ciência da Informação.

## 2 Referencial Teórico

A formação do pesquisador brasileiro é um processo não linear, influenciado por fatores sociais, institucionais e individuais. Embora o ideal seja que esse processo comece na educação básica, ele costuma se consolidar no ensino superior ou na pós-graduação, devido às desigualdades educacionais estruturais do país.

Fialho (2004, 2009) destaca que a formação investigativa juvenil depende da articulação entre família, escola, professores, colegas, biblioteca e projeto pedagógico. A biblioteca escolar é vista como espaço estratégico para o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades informacionais. Siqueira (2023) reforça essa visão, ao posicionar a biblioteca como espaço de mediação da informação e formação crítica, com o bibliotecário atuando como protagonista no processo educativo.

Assunção e Mattos (2019) sublinham o papel do professor como mediador e produtor de conhecimento, destacando o potencial da divulgação científica na educação básica, desde que esteja ancorada em práticas pedagógicas inclusivas. Já Costa (2013), ao analisar egressos do PIBIC/UFSC, evidencia que a formação na Iniciação Científica fortalece competências metodológicas e incentiva a continuidade da trajetória do pesquisador na pós-graduação.

No campo da Ciência da Informação, Araújo e Valentim (2019) observam que a formação do pesquisador se intensifica na pós-graduação, com papel central dos programas acadêmicos, grupos de pesquisa e eventos como o ENANCIB. Os autores alertam para a necessidade de maior inserção social e internacional da área. Matos (2017) destaca o papel dos orientadores bolsistas do CNPq, cuja atuação influencia temáticas e metodologias de pesquisa, embora a tendência da pesquisa esteja concentrada em grandes centros.

Por fim, Pecegueiro *et al.* (2024) mostram que o uso de tecnologias como *podcasts* pode inovar na formação de pesquisadores, promovendo autonomia e comunicação científica. Como lembra Fialho (2009), essa formação depende de múltiplos fatores, exigindo políticas públicas, práticas

comprometidas e ambientes informacionais acessíveis.

### 3 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva. Exploratória, pois, segundo Nunes (2021), possibilita conhecer a fundo o tema de pesquisa; e descritiva, pois, para a autora, é nesse tipo de pesquisa que se analisa a ocorrência dos fenômenos, sua frequência e características, facilitando a análise das relações entre as variáveis investigadas. Ainda de acordo com Nunes (2021), nesse tipo de pesquisa são adotadas técnicas padronizadas de coleta de dados. A abordagem da pesquisa é qualitativa, uma vez que, para Nunes (2021), esse tipo de investigação possibilita a análise das subjetividades. Para a autora, “a pesquisa qualitativa tem como objetivo investigar e entender a natureza dos fenômenos sociais, possibilitando maior nível de profundidade e entendimento” (Nunes, 2021, p. 13).

Nesse sentido, esta pesquisa foi realizada a partir da revisão sistemática integrativa da literatura (RSIL) para a coleta e análise dos dados.

Portanto, trata-se de uma modalidade de pesquisa que permite mapear e sintetizar criticamente os conhecimentos já produzidos sobre determinado tema. Assim, a RSIL se destaca por integrar diferentes perspectivas teóricas, empíricas e metodológicas, contribuindo para a construção de novos referenciais no campo estudado.

De acordo com Torraco (2005, p. 356), “a revisão integrativa da literatura é uma forma de pesquisa que revisa, critica e sintetiza a literatura representativa sobre um determinado tema de maneira integrada, de modo que novos modelos e perspectivas sobre o tema sejam gerados”. Essa definição reforça o caráter criativo e estruturador da revisão integrativa, pois não se limita a sumarizar dados, mas visa desenvolver novas compreensões e caminhos investigativos.

Ainda segundo a autora,

A revisão integrativa da literatura desempenha um papel importante ao estimular pesquisas adicionais sobre

o tema. O aspecto provocador ou frutífero de uma revisão integrativa da literatura está em sua capacidade de gerar novas ideias e direcionamentos para a área. Esse critério questiona: a contribuição provavelmente estimulará investigações futuras que levem a novos e importantes conhecimentos no campo?” (Torraco, 2005, p. 364, tradução nossa).

Partindo da compreensão de que a revisão integrativa da literatura tem o potencial de gerar novas ideias e direcionamentos para a área, como destaca Torraco (2005), esta investigação foi conduzida a partir da seguinte pergunta norteadora: **como se dá a formação de pesquisadores em Ciência da Informação no Brasil?** Para ampliar e aprofundar a análise, foram formuladas quatro questões complementares: (4.1) O que é formação de pesquisadores? (4.2) Como ocorre essa formação na área? (4.3) Em que níveis de ensino ela se desenvolve? e (4.4) Quem são os responsáveis por promovê-la?

As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e Catálogo Coletivo de Recursos de Informação em Acesso Aberto (Oasisbr). Utilizou-se a combinação dos descritores “formação de pesquisadores” AND “Ciência da Informação”, aplicados nos campos “assunto” e “todos os campos”, com o intuito de abranger tanto produções com foco temático direto quanto aquelas em que o conteúdo estivesse presente de forma transversal.

Foram incluídos no corpus da revisão os estudos que tratavam especificamente da formação de pesquisadores na área da Ciência da Informação, disponíveis na íntegra e alinhados aos objetivos da pesquisa. Por outro lado, foram excluídos os trabalhos cujo conteúdo, embora apresentassem os descritores nos metadados, não mantinham relação direta com o objeto de investigação.

A busca inicial resultou em **53 documentos**. Após a leitura dos resumos e a análise das palavras-chave, **sete (07)** estudos foram

selecionados para análise aprofundada, compondo o portfólio final da revisão.

#### 4 Resultados Finais

O resultado obtido na revisão sistemática integrativa está apresentado no quadro 1.

**Quadro 1: Pesquisa selecionadas na revisão sistemática integrativa**

	Título	Autores	Tipo
01	Bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq e a formação de massa crítica em Ciência da Informação no Brasil: uma análise de domínio	Matos, 2017.	Dissertação
02	A cultura informacional e a formação do jovem pesquisador brasileiro	Fialho, 2009.	Tese
03	A formação do pesquisador juvenil: um estudo sob enfoque da competência informacional	Fialho, 2004.	Dissertação
04	O processo de formação de pesquisadores: análise do Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Santa Catarina no período de 1990 a 2012	Costa, 2013.	Dissertação
05	Construção e divulgação do conhecimento científico na educação básica	Assunção; Mattos, 2019	Artigo
06	A biblioteca e a iniciação científica no ensino médio: contribuições do letramento informacional na formação de jovens pesquisadores	Siqueira, 2023	Dissertação
07	O Podcast como ferramenta de ensino no Projeto de Extensão Formação do Discente Pesquisador	Pecegheiro <i>et al.</i> , 2024.	Artigo

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nos trabalhos analisados, a expressão “formação de pesquisadores” é recorrente, discutida sob perspectivas variadas conforme o escopo de cada estudo. Ainda assim, as dificuldades e trajetórias enfrentadas pelos

pesquisadores apresentam pontos em comum entre os diferentes campos, o que permite inferências relevantes. Na sequência, apresentam-se as respostas e discussões relativas às questões formuladas na RSIL, com base nos objetos de análise desta pesquisa.

#### 4.1 O que é formação de pesquisadores?

A formação de pesquisadores constitui um processo contínuo e multifatorial, que abrange o desenvolvimento de competências investigativas, letramento informacional e uma postura crítica diante da informação e da realidade social. Conforme apontado por Fialho (2004, 2009), essa formação deve iniciar-se já na educação básica, envolvendo a atuação integrada da escola, família e bibliotecas, criando um ambiente propício para o estímulo à curiosidade e ao desenvolvimento da investigação desde os primeiros anos escolares.

A escolarização básica desempenha papel fundamental nesse processo, pois, como destaca Fialho (2004, p. 41):

[...] a escolarização fundamental básica, com boa infraestrutura de recursos humanos/financeiros e com um projeto pedagógico que privilegie o desenvolvimento da competência informacional e do letramento no aluno, será, certamente, grande aliada na formação do pesquisador juvenil, de forma que ele possa chegar ao ensino superior melhor habilitado para realizar as pesquisas.

Essa formação não deve ser episódica, mas sim contínua, acompanhando o estudante ao longo de toda sua trajetória escolar. Nesse sentido, segundo Fialho (2004), o desenvolvimento das habilidades informacionais no contexto escolar tende a ser mais eficaz quando ocorre de forma contínua, iniciando-se nas séries iniciais do ensino fundamental e utilizando metodologias adequadas a cada etapa. Assim, a formação do pesquisador deixa de ser pontual e passa a acompanhar o estudante ao longo de toda sua trajetória escolar.

Outro aspecto essencial para a formação do pesquisador está relacionado ao desenvolvimento da competência informacional, que consiste em um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que capacitam o indivíduo a interagir eficazmente com a informação, seja para a resolução de problemas, tomada de decisões ou aprendizagem ao longo da vida. Segundo Fialho (2004, p. 98), “a prática da pesquisa escolar é uma condição essencial para o desenvolvimento da competência informacional”. Assim, a formação do pesquisador envolve não apenas o acesso à informação, mas também o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva para utilizá-la de maneira adequada.

O letramento informacional, por sua vez, precisa ser tratado com a mesma importância dada a alfabetização, pois, conforme enfatiza Fialho (2004, p. 98) “não é suficiente apenas o aluno ser alfabetizado, ele precisa estar inserido nas práticas sociais de leitura e de escrita”. Fialho (2004) alerta, ainda, para a urgência de uma reforma na educação básica brasileira, uma vez que muitos estudantes apresentam dificuldades significativas em compreensão leitora, análise e interpretação de textos, o que compromete diretamente a formação do pesquisador.

Além dos aspectos cognitivos, a formação de pesquisadores também está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao contexto social, econômico e político em que o jovem está inserido. Para isso, é necessário que o pesquisador juvenil não seja um mero receptor passivo de informações, mas sim um agente ativo na produção do conhecimento, capaz de questionar e investigar a realidade de forma crítica. Conforme Fialho (2004, p. 104) afirma:

É necessário formar a consciência crítica do pesquisador juvenil. É importante pensar na formação do pesquisador como um ato contínuo, de forma que ele possa ser alguém que tenha uma visão crítica em relação aos acontecimentos e à realidade social na qual está inserido.

O pesquisador juvenil não pode ser apenas um consumidor de ideias alheias, mas alguém que pratica a atividade científica como uma ação privilegiada do ser humano, revelando o pleno significado da atitude de indagação face à realidade. [...] Não é possível desvincular a formação do pesquisador juvenil da realidade social, econômica e política na qual ele está inserido. Nesse aspecto, o Brasil ainda não oferece aos seus adolescentes e jovens um programa sistematizado de incentivo à prática da pesquisa científica.

Ao encontro com essas ideias, Pecegueiro *et al.* (2024) propõem que a formação do pesquisador envolva o desenvolvimento da autonomia e de uma postura ativa por parte do discente. Para isso, os autores destacam a importância da articulação entre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e a prática da oralidade no processo comunicacional de construção do pesquisador. Na experiência prática descrita em sua pesquisa, foi justamente na intersecção dessa articulação que se percebeu o fortalecimento das competências investigativas e comunicacionais dos estudantes, evidenciando o potencial formativo dessa abordagem integrada.

Dessa forma, a formação de pesquisadores deve ser compreendida como um processo integrado que abarca desde o desenvolvimento técnico de habilidades informacionais e investigativas até a construção de uma postura crítica e consciente diante do mundo. O estímulo à curiosidade, o letramento informacional contínuo e a articulação entre diferentes agentes educacionais constituem pilares fundamentais para que esse processo ocorra de forma eficaz, preparando os jovens para atuarem como investigadores ativos e protagonistas do conhecimento.

#### **4.2 A formação do pesquisador na Ciência da Informação**

A formação do pesquisador na área da Ciência da Informação é um processo complexo que envolve múltiplas dimensões. Os estudos analisados nesta pesquisa apresentam elementos que contribuem significativamente para compreender como essa formação pode ocorrer no campo da Ciência da Informação.

De acordo com Siqueira (2023), o bibliotecário exerce um papel fundamental na iniciação científica ao atuar como mediador da informação junto aos estudantes, colaborando com a seleção e avaliação crítica das fontes que melhor atendem às necessidades da pesquisa. Tal mediação não ocorre isoladamente, mas se efetiva por meio de parcerias e cooperações com os professores, visando ao desenvolvimento de atividades conjuntas que promovam o letramento informacional. O autor destaca que "o bibliotecário na escola tem a função de realizar o trabalho de orientar quem precisa na busca e no uso da informação, sendo, portanto, assim como o professor, um mediador do conhecimento, do ensino e da aprendizagem" (Siqueira, 2023, p. 21). Essa articulação contribui para que o processo de pesquisa seja uma oportunidade de aprendizado coletivo, em que o diálogo e o trabalho em grupo são valorizados como formas de desenvolver ideias e construir conhecimento.

Desse modo, a atuação do bibliotecário na iniciação científica ultrapassa a mediação técnica da informação e se insere como uma prática pedagógica que contribui para a formação crítica dos estudantes. Ao articular saberes informacionais com o contexto educacional, esse profissional amplia o potencial formativo da pesquisa escolar, favorecendo a autonomia intelectual e o pensamento investigativo. Tal contribuição se mostra particularmente relevante para a formação de futuros pesquisadores, inclusive na área da Ciência da Informação, ao integrar competências específicas à construção coletiva do conhecimento.

Nesse sentido, Assunção e Mattos (2019) apresentam uma proposta integrada ao ensino básico que visa fortalecer as habilidades de pesquisa de alunos e professores por meio do uso de ferramentas tecnológicas, como os

Recursos Educacionais Abertos (*Open Educational Resources* - OER) e o sistema PKP-OCS para gestão de produção científica. Conforme Assunção e Mattos (2019, p. 11) destacam:

A implantação do PKP-OCS como sistema para gestão de atividades de pesquisa representa uma contribuição tecnológica para a Educação Básica que, associada ao desenvolvimento das habilidades dos professores e alunos em relação ao processo de produção científica, fortalecerá um pensar crítico da ciência brasileira e efetivamente propiciará um avanço no desenvolvimento científico e tecnológico.

Tal iniciativa visa aproximar o processo de produção científica da realidade escolar, incentivando o protagonismo dos estudantes na construção do conhecimento. Além disso, a pesquisa de Assunção e Mattos (2019) aponta que a formação de novos pesquisadores demanda o domínio das TIC, não apenas como ferramentas operacionais, mas como elementos estratégicos para a produção, gestão e disseminação do conhecimento científico. O uso qualificado dessas tecnologias fortalece práticas investigativas mais colaborativas, abertas e críticas, contribuindo para a construção de uma cultura de pesquisa alinhada às exigências contemporâneas da ciência e da sociedade.

Outro aspecto relevante para compreender a formação do pesquisador em Ciência da Informação é a "genealogia investigativa", conceito apresentado por Matos (2017), que se refere ao estudo das temáticas de pesquisa empreendidas por um pesquisador em sua trajetória acadêmica e à relação dessas temáticas com as investigações dos orientadores ao longo do tempo. Isso permite visualizar a dispersão ou a convergência temática nas orientações e entender como se consolida o campo científico. Como ressalta o autor, "a genealogia investigativa consiste no estudo das temáticas de pesquisa

empreendidas por um pesquisador, fazendo relações entre os temas que o pesquisador-orientador se propôs a desenvolver na sua graduação e pós-graduação” (Matos, 2017, p. 15).

Nesse sentido, vale destacar o mapeamento realizado por Araújo e Valentim (2019), que apresenta um panorama da produção científica na área da Ciência da Informação no Brasil, estruturada a partir dos Grupos de Trabalho (GTs) da ANCIB. Esses GTs evidenciam as principais linhas de pesquisa que conformam o campo, entre as quais se destacam: Estudos Históricos e Epistemológicos; Organização e Representação da Informação; Mediação, Circulação e Apropriação da Informação; Gestão da Informação e do Conhecimento; Política e Economia da Informação; Informação, Educação e Trabalho; Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação; Informação e Tecnologia; Museu, Patrimônio e Informação; Informação e Memória; e Informação e Saúde. Essas temáticas refletem a diversidade e a complexidade dos objetos de estudo da área, bem como os diferentes enfoques teórico-metodológicos adotados pelos pesquisadores, indicando caminhos múltiplos para a formação e atuação científica.

Além disso, Matos (2017) evidencia que o processo de formação do pesquisador transcende a simples orientação acadêmica, constituindo uma relação dinâmica de parceria científica. O autor explica que, à medida que um pesquisador alcança o doutorado, ele deixa de ser apenas um discípulo para tornar-se um parceiro científico do orientador, colaborando na consolidação de uma massa crítica na área. Nesse contexto, “massa crítica” é entendida como a mentalidade coletiva necessária para estabelecer e sustentar ações e comportamentos científicos, fundamentando o desenvolvimento da área. A concentração dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, especialmente no eixo Rio-São Paulo, e a necessidade de maior internacionalização são elementos destacados como desafios para o fortalecimento dessa massa crítica (Matos, 2017). Corroborando com essa discussão, Araújo e Valentim (2019)

ressaltam que a formação e a produção científica na área seguem concentradas nas regiões Sudeste e Sul do país, com destaque para o eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais. Essa concentração geográfica limita a diversidade regional das pesquisas e dificulta a consolidação de uma massa crítica nacional mais equitativa. Os autores também apontam que os esforços de internacionalização ainda são tímidos e desiguais, ocorrendo principalmente entre grupos já consolidados, o que compromete a visibilidade da produção científica brasileira no exterior e o diálogo com outras comunidades acadêmicas globais.

Diante disso, é necessário ampliar a compreensão sobre a formação do pesquisador na Ciência da Informação, considerando que essa formação está intrinsecamente relacionada com a educação. Não se trata apenas de desenvolver habilidades específicas, como a mediação da informação ou a apropriação do conhecimento, mas de promover uma formação integral que relacione teoria e prática, incentive a experimentação ativa e proponha avaliações significativas do processo de aprendizagem. Formar um pesquisador é, portanto, dotá-lo de competências variadas, em uma trajetória formativa crítica, reflexiva e articulada com os desafios da ciência e da sociedade.

Assim, a formação do pesquisador em Ciência da Informação ocorre em um ambiente que valoriza a mediação informacional promovida por bibliotecários e professores, a incorporação de tecnologias educacionais que aproximem a produção científica dos novos pesquisadores, e a construção de redes de colaboração e orientação que sustentam o desenvolvimento temático e institucional do campo. Compreendida em sentido ampliado, essa formação envolve um processo educativo contínuo e coletivo, que vai além da simples aquisição de conhecimentos, configurando-se como uma prática que mobiliza múltiplos saberes e promove o pensamento crítico e autônomo.

### **4.3 Níveis de ensino na formação de pesquisadores**

A formação do pesquisador é um processo que se constrói gradualmente ao longo de toda a trajetória educacional do indivíduo, sendo desenvolvida desde a educação básica até os programas de pós-graduação *Stricto sensu*. Cada etapa da escolarização contribui, a seu modo, para a construção do olhar investigativo, da postura crítica e da competência para produzir conhecimento. Ainda que o ingresso efetivo na prática científica ocorra, geralmente, no ensino superior, o estímulo ao questionamento, à curiosidade e ao uso da informação pode e deve ser cultivado desde os primeiros anos escolares. Fialho (2004, 2009), por exemplo, destaca que a atuação integrada de professores e bibliotecários escolares é fundamental para despertar nas crianças e jovens uma cultura de pesquisa, favorecendo o contato inicial com fontes informacionais e desenvolvendo habilidades de busca, análise e uso da informação — habilidades estas que formam a base para a formação do futuro pesquisador.

No ensino superior, a Iniciação Científica (IC) representa um marco estruturado na trajetória formativa do pesquisador, introduzindo os estudantes aos métodos, à ética e à prática da investigação científica. Costa (2013) destaca que a iniciação científica não tem, necessariamente, a finalidade de formar pesquisadores, mas busca, sobretudo, familiarizar o estudante com o processo investigativo, sendo, por isso, um passo inicial relevante e estruturante. Essa fase constitui, portanto, um momento de transição entre a postura de aprendiz e a postura de produtor de conhecimento.

Além disso, a IC proporciona o desenvolvimento de competências fundamentais para a continuidade na carreira acadêmica. Costa (2013) aponta que sua relevância está na criação de uma articulação contínua e produtiva entre a graduação e a pós-graduação, o que fortalece a integração entre ensino e pesquisa e oferece aos estudantes uma preparação mais sólida para os níveis seguintes. O autor também observa que os estudantes que participaram de programas de IC tendem a apresentar melhor

desempenho em processos seletivos para a pós-graduação, maior agilidade na obtenção de títulos acadêmicos e mais desenvoltura em atividades como apresentações orais e trabalho em equipe.

Costa (2013) ressalta que a Iniciação Científica busca antecipar uma preparação adequada do estudante de graduação para a pós-graduação, por meio de uma formação concreta e segura que envolve instrumentalização, capacitação e orientação, preparando o aluno para gerar novos conhecimentos e até mesmo formar outros pesquisadores.

Essa preparação se consolida na pós-graduação *stricto sensu*, especialmente nos cursos de mestrado e doutorado. Além disso, Costa (2013) distingue os dois níveis da pós-graduação, explicando que os cursos *lato sensu*, voltados ao aperfeiçoamento e à especialização, funcionam como uma extensão da graduação, enquanto a pós-graduação *Stricto sensu* representa, de fato, a formação do pesquisador, marcada pelo aprofundamento teórico e pela produção de novos conhecimentos. Assim, vale destacar o papel estratégico da pós-graduação para o avanço do conhecimento científico no país. Araújo e Valentim (2019) apontam que a maior parte da produção científica brasileira, na Ciência da Informação, provém dos programas de pós-graduação, que vêm se esforçando para ampliar sua visibilidade internacional e consolidar uma base sólida de pesquisa na área. Esse dado reforça a ideia de que o ponto culminante da formação do pesquisador se dá nos programas *Stricto sensu*, embora sua trajetória deva ser iniciada, idealmente, desde os primeiros níveis de ensino.

Essa perspectiva também está presente em estudos sobre a trajetória de bolsistas da IC, como o realizado por Costa (2013), que demonstrou que 50,19% dos bolsistas do PIBIC/UFSC avançaram para a pós-graduação, evidenciando que a IC cumpre um papel decisivo na construção da carreira científica. Segundo o mesmo autor Costa (2013), a Iniciação Científica contribui, a médio prazo, para o desenvolvimento da ciência e para o aumento das publicações, e, a longo prazo, para a formação de futuros doutores. Assim,



quanto mais rapidamente os ex-bolsistas do PIBIC ingressam na pós-graduação e concluem seus doutorados, mais claramente os objetivos da IC são atingidos.

No entanto, apesar da importância da IC e da pós-graduação na formação do pesquisador, é necessário reconhecer que, no Brasil, esse processo ocorre de forma relativamente tardia. Costa (2013) observa que, conforme análise de dados de sua pesquisa, as instituições de ensino superior funcionam como principais instâncias de recrutamento e formação de pesquisadores, sendo a pós-graduação uma etapa fundamental nesse processo. Ainda assim, o autor destaca que essa formação investigativa poderia ser iniciada ainda durante a educação básica, como parte de um processo contínuo que vai além das etapas institucionais tradicionais.

Dessa forma, a formação do pesquisador revela-se como um processo longitudinal, que se estende por diferentes níveis educacionais, cada qual com funções específicas. Desde a educação básica, passando pela graduação e pela iniciação científica — que introduzem os fundamentos da pesquisa — até a pós-graduação — onde se estrutura e se consolida a prática investigativa e o pensamento crítico — o desenvolvimento da identidade do pesquisador exige uma articulação sistêmica e intencional de todos os níveis de ensino.

#### **4.4 Atores responsáveis no processo de formação de pesquisadores**

Família, professores, bibliotecas, orientadores, programas institucionais e associações científicas são os principais agentes. Fialho (2004, 2009) e Assunção e Mattos (2019) destacam sua importância na educação básica. No ensino superior, os orientadores e o PIBIC ganham centralidade, segundo Pecegheiro *et al.* (2024). Para Araújo e Valentim (2019), nesse nível de formação as associações científicas potencializam a formação do pesquisador, destacando o uso das TIC como ferramentas inovadoras no processo formativo. A seguir, optou-se por categorizar os agentes envolvidos na formação de pesquisadores e analisar as

contribuições dos estudos selecionadas a partir da RSIL para essa temática.

##### **4.4.1 Bibliotecários e professores**

A compreensão sobre a formação do pesquisador brasileiro demanda uma análise que ultrapasse os níveis avançados da trajetória acadêmica e considere também as etapas iniciais desse processo. A pesquisa escolar, frequentemente introduzida ainda na educação básica, configura-se como um espaço relevante para o desenvolvimento de habilidades investigativas. Embora a formação científica sistematizada se consolide, sobretudo, na graduação e na pós-graduação, é no ambiente escolar que se iniciam os primeiros estímulos à curiosidade intelectual, à autonomia crítica e ao uso qualificado da informação. Refletir sobre a atuação de professores e bibliotecários escolares na mediação do conhecimento e no desenvolvimento da competência informacional contribui, portanto, para compreender como se estruturam, desde os primeiros anos da educação formal, as bases que sustentam a formação do pesquisador no Brasil, especialmente à luz das contribuições da Ciência da Informação.

A partir dessa perspectiva, a formação do pesquisador juvenil não é responsabilidade isolada de uma única figura pedagógica, mas compreende um processo que exige a ação colaborativa de múltiplos atores escolares. Entre esses, o professor e o bibliotecário escolar se destacam como pilares fundamentais. Ambos ocupam posições estratégicas na mediação do conhecimento, sendo capazes de impulsionar a construção da competência informacional dos alunos. Segundo Fialho (2004, p. 82), “o bibliotecário e o professor ocupam importância fundamental na tarefa de desenvolver as habilidades informacionais, tornando-se as figuras centrais no discurso da competência informacional”.

Essa formação requer mais do que o domínio de conteúdos: é necessário fomentar a capacidade crítica, a autonomia investigativa e a reflexão sobre o uso da informação. A atuação conjunta desses profissionais pode

proporcionar um ambiente mais fértil para a aprendizagem significativa, como destaca Fialho (2009, p. 19): “o trabalho colaborativo entre professores e bibliotecários escolares pode contribuir para um processo de formação mais crítico”, especialmente quando ambos planejam, implementam e avaliam em parceria o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Pecegueiro *et al.* (2024) apontam o uso das TIC como ferramenta para a formação do discente como pesquisador autônomo e ativo. Em sua pesquisa, os autores descrevem uma experiência em que os professores atuaram como mediadores no uso pedagógico do *podcast*, favorecendo a articulação entre linguagem, tecnologia e investigação. Essa prática evidencia o potencial das TIC para promover a autonomia estudantil e diversificar estratégias de mediação da informação, quando utilizadas de forma crítica e integrada ao currículo.

A prática da pesquisa escolar, muitas vezes reduzida à mera coleta e reprodução de dados, adquire outra dimensão quando os profissionais da escola atuam de maneira articulada. No entanto, há entraves estruturais e pedagógicos que dificultam essa integração. Um dos principais problemas observados por Fialho (2004) diz respeito à falta de comunicação entre os professores e os bibliotecários. Segundo a autora:

Os professores reclamam que os alunos copiam trechos de enciclopédias; os bibliotecários alegam que, por não conhecerem antecipadamente os temas das pesquisas solicitadas, não têm tempo suficiente para se prepararem para atender os alunos que buscam informação, geralmente uma classe inteira buscando um único assunto. Os professores não orientam efetivamente os alunos e não estabelecem, com clareza, os objetivos do trabalho; como consequência, os alunos se mostram confusos quando chegam à biblioteca (Fialho, 2004, p. 18).

Esse cenário revela não apenas uma falha de planejamento pedagógico, mas também a ausência de uma cultura escolar que valorize o bibliotecário como educador. Em muitos casos, o bibliotecário é visto como mero guardião de livros ou localizador de fontes, o que restringe drasticamente seu papel. Como explica Fialho (2009, p. 165), mesmo entre os próprios estudantes prevalece a visão limitada de que o bibliotecário escolar é apenas um “localizador de fontes de informação”. Entretanto, a autora argumenta que o bibliotecário escolar pode desempenhar um papel fundamental nos momentos críticos do processo de pesquisa dos alunos, atuando de forma diferenciada conforme o estágio em que cada estudante se encontra (Fialho, 2009).

O papel do professor, por sua vez, é decisivo para garantir o encadeamento das etapas da pesquisa e a orientação metodológica dos alunos. A presença do professor orientador é fundamental para esclarecer objetivos, propor prazos, discutir metodologias e promover a interdisciplinaridade. Fialho (2009, p. 29-30) destaca que “por meio do acompanhamento do professor orientador, estabelece-se uma data limite para a entrega da pesquisa, estimula-se o trabalho integrado entre as disciplinas e orientam-se os alunos sobre os diversos aspectos da pesquisa”, tornando o processo mais estruturado e menos improvisado.

Além disso, o professor é, muitas vezes, o principal mediador entre o aluno e a informação. Ele influencia diretamente nas fontes consultadas e no tipo de conhecimento valorizado. Fialho (2004, p. 60) afirma que “a influência do professor é uma realidade quando se trata do uso das fontes na pesquisa escolar, o que pode ser aproveitado com o objetivo de formar no aluno uma consciência crítica em relação ao uso desses meios”.

No entanto, a atuação do bibliotecário escolar, quando valorizada e integrada ao currículo, pode ampliar significativamente o alcance pedagógico da escola. Fialho (2009, p. 74) observa que “bibliotecários escolares que trabalham em parceria com os professores podem ajudar os estudantes a alcançar níveis melhores de compreensão de leitura, solução

de problemas e habilidades de pesquisa”, o que só é possível quando há condições adequadas de trabalho, formação continuada e infraestrutura. A autora também menciona um estudo realizado no Colorado, segundo o qual os ganhos no processo educativo são significativos em contextos onde há mais tempo dedicado aos alunos, coleções bem desenvolvidas, investimentos financeiros e planejamento conjunto entre professores e bibliotecários (Fialho, 2009).

A abordagem da cultura informacional, que engloba o letramento e o desenvolvimento de habilidades críticas, exige um bibliotecário preparado pedagogicamente. Contudo, esse preparo ainda é incipiente no Brasil. Fialho (2009) observa, com base em dados analisados em sua pesquisa, que o bibliotecário brasileiro ainda não tem sido suficientemente capacitado para atuar no desenvolvimento da cultura informacional, o que aponta para a urgência de reformas curriculares nos cursos de Biblioteconomia, a fim de contemplar com mais ênfase a dimensão educativa da profissão.

Apesar das dificuldades enfrentadas — como falta de clareza nas funções, ausência de planejamento conjunto e resistência à mudança —, há um consenso crescente de que a parceria entre professores e bibliotecários é a chave para transformar a pesquisa escolar em uma experiência formadora. Como afirma Fialho (2004, p. 82):

Ao desenvolver um trabalho em parceria, inteiramente articulado, eles estarão perseguindo um objetivo comum: o de promover, nos alunos, o desenvolvimento de habilidades de uso da informação, que são inerentes ao processo de formação do pesquisador juvenil.

Esse cenário exige comprometimento institucional e formação contínua. O desenvolvimento das habilidades informacionais não deve ser uma tarefa accidental ou espontânea, mas um projeto pedagógico estruturado, com papel ativo do bibliotecário como mediador e do professor

como orientador de conteúdo e metodologia. Ambos são indispensáveis para que os alunos superem a mera coleta de informações e passem a produzir conhecimento.

Portanto, a formação do pesquisador juvenil, longe de ser apenas uma questão metodológica ou curricular, é um desafio ético, institucional e pedagógico. Ela se fortalece quando os profissionais da informação e da educação se reconhecem mutuamente como parceiros e compartilham a responsabilidade pela aprendizagem crítica, autônoma e transformadora.

#### 4.4.2 Família

A formação do pesquisador não se inicia apenas no ambiente escolar ou universitário, tampouco pode ser atribuída exclusivamente à ação de professores e instituições formais de ensino. Ainda que muitas vezes invisibilizada nos estudos sobre o desenvolvimento da competência investigativa, a família ocupa um papel estruturante e indispensável neste processo. A influência exercida no âmbito doméstico, por meio do acompanhamento das atividades escolares, do diálogo e da oferta de recursos, pode gerar impactos significativos no desenvolvimento do jovem pesquisador.

Fialho (2004) enfatiza que a família, ao se constituir como instituição de socialização primária, é também um dos primeiros núcleos formadores da criança em valores, hábitos e formas de compreender o mundo. Como destaca a autora:

Os estudiosos compartilham a idéia de que a família é, por excelência, a instituição de socialização primária das crianças, isto é, ‘o processo mediante o qual elas apreendem os valores, as normas, os hábitos, os esquemas de representação do mundo, etc., socialmente sancionados e assumidos pela família’ [...] Assim, a partir da família, a criança é iniciada no processo de socialização, sendo educada para se relacionar com o mundo, num processo que se dá por etapas bem definidas (Fialho, 2004, p. 71).

É nesse espaço doméstico, permeado por afetos, rotinas e interações cotidianas, que se plantam as sementes da curiosidade e da autonomia intelectual. A presença dos pais ou responsáveis, quando comprometida com a escuta e o estímulo, favorece uma postura investigativa nas crianças e adolescentes. Fialho (2004, p. 103) destaca que a família pode ser “uma instituição ativa na formação e no desenvolvimento do pesquisador, acompanhando sua vida escolar, possibilitando acesso aos recursos necessários, discutindo ideias, propondo alternativas e instigando seu senso crítico.”

Porém, essa atuação nem sempre se concretiza de forma equilibrada entre diferentes grupos sociais. As desigualdades socioeconômicas e a falta de tempo para o acompanhamento das tarefas escolares são barreiras frequentes. Os dados coletados por Fialho (2004) em sua pesquisa apontam que “os alunos da escola pública demonstraram pouco envolvimento da família em relação ao auxílio em suas pesquisas escolares. A principal variável apontada pelos alunos diz respeito à falta de tempo dos pais, ocupados em suas atividades habituais” (Fialho, 2004, p. 72–73). Essa ausência, embora naturalizada pelos próprios alunos, gera impactos na forma como esses jovens se relacionam com o processo de investigação, tornando-o mais solitário e, por vezes, mecânico.

As dificuldades de ordem social e econômica surgem, assim, como elementos centrais para se compreender os limites da atuação familiar. Fialho (2004) aponta que a condição financeira da família é um fator decisivo para a disponibilização de recursos informacionais e, consequentemente, para o engajamento do aluno com a pesquisa escolar. A autora destaca que “as diferenças de acesso aos recursos informacionais ficaram evidenciadas em ambas as escolas; a condição financeira da família é um fator preponderante” (Fialho, 2004, p. 101). O acesso a livros, revistas, enciclopédias e equipamentos como o computador é mais frequente entre os alunos da escola particular, o que revela um cenário desigual, onde a pesquisa escolar, que deveria ser um

instrumento democrático de aprendizado, acaba por reproduzir as desigualdades sociais. Já entre os estudantes da escola particular, a autora observa um cenário distinto, no qual há maior entrosamento familiar, sobretudo no que diz respeito ao acesso a recursos informacionais e apoio prático. Um dos alunos entrevistados relatou que o simples fato de seus pais possibilitarem acesso aos materiais já é percebido como uma importante forma de participação (Fialho, 2004). Além disso, foi constatado que “as famílias dos alunos da escola particular disponibilizam fontes variadas de acesso à informação, dentro dos próprios lares”, incluindo revistas, livros, enciclopédias e, em alguns casos, computadores (Fialho, 2004, p. 75). Esse acesso é facilitado tanto pela estrutura da escola quanto pelas condições socioeconômicas familiares, o que revela uma importante desigualdade de base.

Mais do que recursos materiais, a autora chama atenção para a importância do diálogo entre pais e filhos durante a atividade de pesquisa escolar. Apesar de sua relevância, essa dimensão aparece como uma das principais lacunas a serem preenchidas. Fialho observa que:

Oferecer ao filho uma educação de boa qualidade, assim como possibilitar o acesso às fontes de informação são maneiras importantes de participação das famílias. No entanto, o diálogo com o filho, durante a atividade de pesquisa escolar, parece ser a principal lacuna a ser preenchida (Fialho, 2004, p. 102)

É nesse contexto que a formação do pesquisador juvenil se vê atravessada por múltiplos desafios. A ausência de diálogo e de reflexão conjunta sobre os temas de interesse não apenas empobrece a experiência investigativa, mas também distancia o jovem de uma compreensão mais crítica e significativa da pesquisa. O papel da família, portanto, não se esgota no fornecimento de materiais e suporte técnico: ele deve se estender ao campo simbólico da troca de

ideias, do estímulo ao questionamento e da construção conjunta de sentido.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas por algumas famílias — seja pela falta de tempo, pela baixa escolaridade ou pelo desconhecimento dos objetivos das atividades escolares —, é necessário reconhecer sua função educativa e formadora. Conforme ressalta Fialho:

A participação, com responsabilidade, da família na educação dos filhos está, portanto, amparada pela legislação educacional do país. Como instituição de socialização primária da criança, a família está dotada de uma função educativa e formadora. A educação de uma criança, bem antes de ela entrar para a escola, está a cargo da família, pois nesse espaço familiar é que serão adquiridos os primeiros valores pessoais e culturais (Fialho, 2004, p. 78).

Dessa forma, a família não é apenas um elemento coadjuvante, mas sim matriz fundamental na formação do pesquisador. Sua atuação, quando consciente e engajada, pode transformar a experiência escolar em um espaço de descobertas compartilhadas. É importante que a escola, reconhecendo essa potência, busque formas de envolver os responsáveis no processo investigativo, promovendo eventos, rodas de conversa, feiras de conhecimento e atividades de socialização que integrem família e escola. Como sugere Fialho (2004), tais estratégias podem incentivar o diálogo e fomentar ambientes mais propícios à construção do saber.

Por fim, ao compreender a família como um organismo dinâmico, sujeito a constantes movimentos de (des)organização, é possível respeitar suas limitações sem perder de vista seu imenso potencial. Para a autora:

A família é um organismo dinâmico, é preciso entendê-la como um grupo social em constante movimento de

organização-desorganização-reorganização, movimento este que se processa em estreita relação com o contexto sócio-cultural. A família sofre pressões, mas também gera cultura e proporciona a formação de vínculos.” (Fialho, 2004, p. 70)

Considerar essa complexidade é o primeiro passo para valorizar a contribuição familiar na formação do pesquisador, respeitando seus limites, mas também reconhecendo suas possibilidades. Com isso, abre-se caminho para que o ato de pesquisar se constitua não apenas como tarefa escolar, mas como prática viva e compartilhada, enraizada nas relações cotidianas e familiares.

#### 4.4.3 Associações científicas

Outro ator relevante na formação do pesquisador é representado pelas associações científicas. Conforme apontado por Araújo e Valentim (2019), essas entidades exercem um papel central na consolidação da identidade científica do campo, ao promoverem espaços de interlocução entre pesquisadores experientes e iniciantes, incentivarem a produção e disseminação do conhecimento e estruturarem agendas temáticas por meio dos Grupos de Trabalho (GT). No caso da Ciência da Informação, destacam-se a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), voltada à articulação da pesquisa acadêmica a nível de pós-graduação, e a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), com foco na formação e no ensino em nível de graduação na área. Ambas as associações contribuem para o fortalecimento de comunidades acadêmicas, promovendo eventos, periódicos, debates e redes de colaboração que ampliam as oportunidades de formação crítica, ética e científica.

Dessa forma, além de bibliotecários, professores, família e instituições formais de ensino, é fundamental reconhecer o papel das associações científicas como ambientes formativos privilegiados, que contribuem significativamente para o desenvolvimento da

autonomia intelectual e da inserção dos novos pesquisadores nas redes colaborativas de produção de conhecimento.

## 5 Considerações Finais

A formação do pesquisador brasileiro, com foco especial na área da Ciência da Informação, configura-se como um processo multifacetado e contínuo, que idealmente se inicia nos primeiros anos da educação básica, intensifica-se durante a graduação e se consolidando na pós-graduação. Embora os trabalhos analisados nesta pesquisa não tratem exclusivamente da formação de pesquisadores na Ciência da Informação, seus achados revelam informações transversais e aplicáveis, que fornecem importantes pontos de baliza para a compreensão desse fenômeno no contexto específico da CI.

No cenário brasileiro, os primeiros contatos estruturados com a pesquisa científica frequentemente ocorrem apenas na graduação por meio dos programas formais de Iniciação Científica, como o PIBIC, evidenciando uma lacuna entre o potencial da educação básica para fomentar a cultura investigativa e a efetiva prática de pesquisa vivenciada pelos estudantes. A pós-graduação, principalmente os cursos *Stricto sensu*, exerce papel decisivo no amadurecimento do pesquisador, promovendo o aprofundamento teórico, metodológico e a produção de conhecimento científico que contribuem para o desenvolvimento da Ciência da Informação como campo de estudo e atuação.

No entanto, esse percurso formativo está permeado por desigualdades estruturais — socioeconômicas, culturais e políticas — que afetam o acesso, a permanência e o desempenho no processo de formação de pesquisadores, também no âmbito da Ciência da Informação. Essas desigualdades se manifestam tanto em recursos materiais e infraestrutura quanto na articulação entre os agentes educacionais e instituições, tais como escolas, universidades e bibliotecas, que desempenham papéis fundamentais na

mediação da informação e no estímulo à pesquisa.

Diante desse contexto, esta pesquisa reforça a necessidade de estratégias integradas que articulem esses agentes, valorizando o papel do bibliotecário e do professor como mediadores ativos do conhecimento desde os níveis iniciais de escolarização. A incorporação de tecnologias digitais, como *podcasts* e recursos educacionais abertos, apresenta-se como um recurso inovador para fortalecer a autonomia investigativa e a comunicação científica dos estudantes, aspectos diretamente relacionados à formação de pesquisadores na Ciência da Informação.

Os objetivos desta investigação foram atendidos ao identificar e analisar as concepções de formação de pesquisadores, compreender suas manifestações específicas na área da Ciência da Informação, mapear os níveis de ensino envolvidos nesse processo e reconhecer os responsáveis por promovê-lo. A revisão sistemática integrativa permitiu perceber que, mesmo com a escassez de produções específicas na CI, os conceitos encontrados são aplicáveis e enriquecem o entendimento do processo formativo na área. Além disso, a análise destacou o papel dos programas de Iniciação Científica, da pós-graduação, dos mediadores informacionais, da família e das associações científicas como agentes essenciais para o desenvolvimento da cultura investigativa.

Em síntese, a formação do pesquisador brasileiro na Ciência da Informação deve ser compreendida não apenas a partir do desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também da construção de uma postura crítica, reflexiva e socialmente responsável diante da informação e do conhecimento. Essa perspectiva integral é fundamental para preparar pesquisadores capazes de contribuir com a transformação social e o avanço científico, especialmente em uma área que se situa no cerne da mediação informacional e da gestão do conhecimento.

## 6 Referências

- Araújo, C. A. Á., & Valentim, M. L. P. (2019). A Ciência da Informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. *Anales de Investigación*, 15(2), 232-259. Recuperado de <http://revistas.bnjm.sld.cu/index.php/BAI/article/view/131> (Acesso em: 25 abr. 2025).
- Assunção, Y. B., & Mattos, M. C. de. (2020). Construção e divulgação do conhecimento científico na educação básica: A formação de jovens pesquisadores. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, 9(2). Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/19128> (Acesso em: 10 maio 2025).
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília, 2024. Disponível em: <https://painel.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2025.
- Costa, A. (2013). *O processo de formação de pesquisadores: análise do programa de iniciação científica da Universidade Federal de Santa Catarina no período de 1990 a 2012* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Fialho, J. F. (2004). *A formação do pesquisador juvenil: um estudo sob o enfoque da competência informacional* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECI-D-67FJ59> (Acesso em: 28 abr. 2025).
- Fialho, J. (2009). *A cultura informacional e a formação do jovem pesquisador brasileiro* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECI-D-7VYQNZ> (Acesso em: 14 abr. 2025).
- Matos, D. F. O. (2017). *Bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq e a formação de massa crítica em Ciência da Informação no Brasil: uma análise de domínio* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.
- Nunes, M. S. C. Metodologia Científica Universitária em 3 Tempos. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14940> Acesso em: 03 nov. 2024
- Pecegheiro, C. M. P. A., Vetter, S. M. J., Marinho, R. R., Freitas, G. L., & Alencar, M. G. S. P. (2024). O Podcast como ferramenta de ensino no Projeto de Extensão Formação do Discente Pesquisador. *Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação*, 1–16. Recuperado de <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/403> (Acesso em: 28 abr. 2025).
- Siqueira, M. S. S. (2023). *A biblioteca e a iniciação científica no ensino médio: contribuições do letramento informacional na formação de jovens pesquisadores* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Torraco, R. J. Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. *Human Resource Development Review*, v. 4, n. 3, p. 356-367, 2005.